ISSN: 2358-8829i

PROJETO CAPULANA DE HISTÓRIAS

Raubete Araújo Souza [1]
Rochelly Alves do Monte [2]

INTRODUÇÃO

O projeto Capulana de Histórias é uma iniciativa política e pedagógica que busca romper o silenciamento das narrativas afro-brasileiras, africanas e indígenas no ambiente escolar, promovendo à valorização da ancestralidade e o combate ao racismo estrutural na educação. Fundamentado na Lei 10.639/03, que determina o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira, o projeto promove uma prática cotidiana de reconhecimento étnico-racial por meio da mediação de leitura e da contação de histórias, visando democratizar uma literatura que espelhe e dignifique a identidade da maioria dos estudantes. Segundo autores como Nikolajeva (2023) e Cosson (2022), a literatura infantil pode ser um potente instrumento de letramento literário crítico, possibilitando que as crianças desenvolvam identidade e empatia ao se depararem com representações positivas de protagonistas negros.

O ambiente escolar passa a ser reconfigurado como um território de pertencimento, acolhimento e reafirmação contínua da vida, apresentando-se como uma estratégia pedagógica que justifica-se pela necessidade de uma mediação de leitura que fosse, ao mesmo tempo, corpo e cenário. A capulana não é apenas uma saia artesanal gigante com estampas africanas; ela é um território itinerante que fomenta o autorreconhecimento e a valorização da autoestima de crianças negras, favorecendo também o respeito à diversidade cultural entre todos os alunos. Ao vesti-la, o docente deixa de ser meramente quem lê e torna-se o suporte da própria narrativa.

A metodologia organiza-se em momentos de mediação e contação de história por meio de uma curadoria literária criteriosa que privilegia obras com protagonismo negro e afro-indígena positivo, buscando romper com os estigmas e estereótipos herdados do processo de colonização, enaltecendo a estética afrocentrada, dialogando com a oralidade e a memória ancestral. As sessões de leitura e contação estimulam a participação ativa, permitindo que as crianças estabeleçam conexões entre a narrativa ficcional e suas próprias vivências familiares

[1] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, raubete12@gmail.com;
[2] Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, rochellymonte7@gmail.com;

e comunitárias, com atividades pós-leitura que trazem expressão corporal, artes visuais e escrita criativa materializando dessa forma os conceitos de ancestralidade e pertencimento.

O objetivo geral é a promoção do reconhecimento e o cultivo do sentimento de pertencimento e o orgulho ancestral a partir do uso simbólico e prático da Capulana como ferramenta de afirmação de identidade e resgate histórico.

O título escolhido é uma alusão ao tecido tradicional moçambicano que é símbolo de proteção, de identidade e transmissão de memória que metaforiza uma proposta de envolver as crianças em uma rede de narrativas que favorecem a alteridade e o reconhecimento étnico-racial. A iniciativa fundamenta-se na Lei 10.639/03, que busca transcender a obrigatoriedade curricular para consolidar uma prática cotidiana de valorização da ancestralidade.

Nossos estudos estão respaldados nos aportes teóricos dos autores: Nikolajeva (2023), Cosson (2022), Souza (2011), Baldi (2009) e Lajolo (2005). Buscando, especificamente: promover o autorreconhecimento e o fortalecimento da autoestima de crianças negras a partir de representações positivas de um protagonismo através de histórias que permitem que as demais crianças conheçam e respeitem a história de quem tanto contribuiu com a formação do povo brasileiro, além de fomentar o respeito e a valorização da diversidade entre todos os discentes, combatendo o preconceito na origem escolar.

METODOLOGIA

Compreendendo que a alfabetização vai muito além de simplesmente decodificar grafemas, a capulana nasce com um recurso que tem o propósito vital de auxiliar na formação inicial de leitores, oferecendo-lhes uma curadoria que torna livros como um objeto de desejo e descoberta, denunciando e rompendo com o silenciamento e o preconceito das matrizes africanas e indígenas no currículo escolar, refletindo o que Campos (2022) nos fala.

> Agora, as questões que daí se desdobram estão sob o conceito de racismo estrutural, cuja complexidade afeta o desenvolvimento socioeconômico da nação, a justiça social, a convivência pacífica e o combate à violência urbana. Na maioria desse desequilíbrio, a desigualdade no trato do cidadãos pobres, brancos, vermelhos, pardos e pretos, mas sobretudo pretos, como canta Caetano, e que começa nos desníveis da educação ofertada, uma vez que reforça a baixa autoestima e mantém o desconhecimento de seus valores culturais ancestrais. (CAMPOS, 2022, p.11)

Com este recurso pedagógico procuramos desconstruir e fortalecer a luta afrodescendente fazendo cumprir a lei vigente a mais de dezenove anos e trazer reconhecimento a crianças negras e indígenas que não apenas vissem o livro, mas se vissem nele, encontrando protagonistas que refletissem sua beleza, sua força e sua ancestralidade.

A Capulana de Histórias: uma saia artesanal gigante, feita com um tecido de 16 metros quadrados, estampada com a dignidade de diversas etnias africanas, servindo como um cenário vivo e itinerante para a mediação de leitura. A saia busca suprir necessidade de uma prática que reside na quebra da distância hierárquica e colonial: quando a professora senta-se no chão, cercada pelo tecido que carrega o peso, a sabedoria e a beleza de outros mundos, ela cria um círculo de proteção e escuta, onde a Capulana funciona como um currículo em movimento; cada história e cada objeto apresentado é uma resposta ao silenciamento histórico, oferecendo às crianças um repertório visual e tátil onde o protagonismo negro e indígena não é mais um anexo, e sim o centro da narrativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao levar a Capulana para o cotidiano escolar, a prática pedagógica materializa a competência de "Repertório Cultural" da BNCC, que orienta a escola a valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais de matriz africana e indígena. Desse modo, ela deixa de ser apenas uma estratégia de leitura para se tornar um instrumento de justiça curricular. Ao transformar o "chão da escola" em um espaço de reconhecimento e honra, o projeto cumpre a função social da escola descrita na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) de formar cidadãos éticos, críticos e capazes de acolher a diversidade do povo brasileiro.

> A literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo a competência literária, cuja formação se produz através do hábito leitor. Possibilita, também, a participação ativa do sujeito como leitor fazendo dele ser crítico, reflexivo, capaz de elaborar suas próprias interpretações, além de o auxiliar na construção dos símbolos e na convalidação dos sistemas de crença e valores. (SOUZA, 2011 p 81)

No cenário, exposto por Souza (2011), o ato de contar histórias deixa de ser uma exposição unilateral para se tornar um momento compartilhado que reverbera a participação ativa do leitor, tornando capaz de ser crítico e reflexivo. Assim, essa ciranda pedagógica permite aos educandos não apenas ouvir, mas habitar a narrativa, reconhecendo-se nas entrelinhas, nas cores e nos rostos dos protagonistas que surgem. Essa dinâmica transformou o ambiente escolar em um território de acolhimento, onde a ancestralidade pôde ser celebrada através do riso, do toque e do silêncio reverente que precede a descoberta de um novo tesouro guardado na saia.

Ao vesti-la, a docente deixa de ser meramente quem lê e torna-se o suporte da própria narrativa. Neste relato de experiência descrevemos a vivência de transformar o ato de ler ou contar uma história em um ritual de reconhecimento. Trata-se de um recurso que possibilita uma prática que busca devolver às crianças negras apresentando o espelho da realeza, onde

eles podem se identificar e aos demais educandos têm a oportunidade de aprender que diversidade não é um conteúdo a ser compreendido, mas uma riqueza a ser celebrada.

> O livro é apresentado aos alunos e somente a professora tem em mãos os alunos. Os alunos ouvem a leitura da professora, sem ter o texto escrito como apoio, daí decorre que a forma e a expressividade da leitura da professora, assim como a qualidade do texto e os comentários ou esclarecimentos eventuais são essenciais para que os alunos possam acompanhá-la. (BALDI, 2020, p27)

A citação de Baldi (2020) reflete diretamente a metodologia do Projeto Capulana de História, em que a mediação pedagógica assume papel central no acesso ao conhecimento. Como apenas a professora veste a saia-capulana e detém o livro em mãos, o sucesso da contação de história depende inteiramente de seu protagonismo: ao dominar o texto, ajustar a entonação da voz e conduzir a turma, a docente transforma a leitura oral em uma experiência sensorial e imersiva. Assim, na ausência do texto escrito para os alunos, a expressividade da professora torna-se a ponte essencial para capturar a atenção das crianças, garantindo o letramento visual, a compreensão narrativa e o resgate da memória ancestral.

> A função estética permite à criança o gozo e o prazer de ler, a fruição do texto e, especialmente, a ampliação dos horizontes de expectativas a fim de enriquecer suas experiências de vida. A importância da literatura infantil é de alimentar e estimular a imaginação da criança, auxiliá-la a conhecer melhor a estrutura do seu eu, permitindo, também, ampliar sua visão de mundo e alargar seus horizontes cognitivos e emocionais. (SOUZA, 2011, p.80)

A função estética da literatura, conforme defende Souza (2011), encontra na Capulana de Histórias um suporte material que se manifesta plenamente com o intuito de ampliar os horizontes de expectativas e estimular a imaginação, cada etapa de construção da saia foi planejada para ser um convite ao "gozo e ao prazer de ler".

As palavras de Souza permearam a construção da capulana, fundamentando-a em três etapas: a curadoria literária, a seleção de elementos táteis (objetos mediadores) e a performance da contação. A Curadoria baseou-se na resistência e afeto onde a escolha do acervo bibliográfico priorizou obras que rompessem com a lógica eurocentrista. Selecionamos livros cujo protagonismo negro e indígena ocupassem lugares de autonomia, sabedoria, paz e beleza estética.

O projeto revoluciona ao democratizar a literatura. As narrativas históricas deixam de ser um privilégio de classe e passam a ser tecida no cotidiano da sala de aula de escolas. Ele contesta o eurocentrismo histórico ao afirmar o valor estético, político e filosófico das matrizes africanas no Brasil. Assim como afirma Nikolajeva que “O impacto subversivo das escrituras brasileiras depende do uso da sinergia entre as condições heterológicas, que inclui raça, gênero, classe e idade”. (2023, p.207)

Através da escrita de Nikolayeva o projeto é fortalecido pelo fato da escritora afirmar que uma obra se torna transformadora quando não isola marcadores sociais. Não é possível falar de raça sem olhar para gênero ou classe. A força da escrita e das narrativas afro-brasileiras e indígenas reside em mostrar como essas identidades se entrelaçam e resistem juntas. Por isso a importância de levar às crianças uma literatura que traga o protagonismo de povos que por muito tempo foi silenciado nas escolas.

> Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas, e de lucros é tão desigual, não se estranha que é a desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte desses últimos é mediadas pela leitura, habilidade que não está alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. (LAJOLO, 2005, p.106)

Lajolo faz uma crítica à desigualdade social que existe em nosso país. Em uma sociedade desigual, o livro e a palavra escrita funcionam muitas vezes como um filtro que impede a maioria das pessoas de se apropriarem do conhecimento. Mesmo quem passou pela escola muitas vezes não desenvolveu o letramento pleno para consumir ou produzir bens culturais, o que perpetua o apagamento de suas próprias memórias.

O Projeto Capulana de História vem a ser uma possibilidade de diminuir essa desigualdade, por atuar justamente na construção inicial do leitor, oferecendo caminhos alternativos e democratizantes de acesso ao conhecimento e à memória histórica de povos silenciados.

> No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2022, p.17)

No Projeto Capulana de História, a ideia de Cosson se concretiza, pois ao usar o tecido e as narrativas como um recurso para formar o leitor infantil, entramos em contato com os significados, cores e histórias trançadas através da capulana e permite-se que a comunidade escolar viaje no tempo e no espaço da diáspora africana. Essa imersão permite além de desenvolver no leitor inicial o gosto pela leitura, vivenciar a memória dos antepassados na pele, transformando a história e a ancestralidade em uma verdade interiorizada, sentida com orgulho e pertencimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do Projeto apontam o fortalecimento da consciência antirracista e do reconhecimento da diversidade no ambiente escolar, promovendo valorização. Com isso, o

Capulana de História reafirma a literatura e a cultura ancestral como ferramentas essenciais para gerar pertencimento e impulsionar a mudança social. Mais do que promover a aprendizagem inclusiva e o protagonismo negro, os resultados apontam para a transformação do ambiente escolar em um território de celebração da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Capulana ocorreu no espaço circular, onde o "chão" da escola, transformou-se em uma ciranda de saberes ancestrais, aberta ao centro ou movendo-se com o corpo da docente, funciona como o eixo dessa grande ciranda de histórias. Ao sentarmos em círculo, a hierarquia tradicional da sala de aula deixa de existir, e dá lugar a uma escuta ativa e coletiva.

Nesse sentido, o projeto assume uma responsabilidade intergeracional. A Capulana, portanto, materializa esse pacto de continuidade: ela é a ferramenta que assegura que o currículo escolar não recue para o apagamento, mas avance para uma educação onde o reconhecimento e a honra sejam a base de todo o processo de ler e escrever o mundo.

Palavras-chave: Capulana de Histórias, Ancestralidade, Mediação de leitura, Letramento Literário.verdadeiro

REFERÊNCIAS

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura**. Porto Alegre - RS, Editora Projeto 2009

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMPOS, Wagner Ramos, AMARILHA Marly. **Os Griôs aportam na escola**. Campinas – SP, Mercado das letras 2022

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo – SP, Ática 2005

NIKOLAJEVA, Maria, 1952. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil.**/ Maria Nikolajeva, tradução Camila Werner: [apresentação Elizabeth Cardoso] - São Paulo - SP, Perspectiva, 2023

SOUZA, Renata Junqueira, FEBA, Berta Lúcia Targliare. **Leitura literária na escola - reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** Campinas - SP, Mercado das letras, 2011.